



<https://doi.org/10.21690/1984-817X.2025w1n01ID38397>

COMPREENDENDO O PROFISSIONAL: análise da disciplina de história indígena da UFRN (2011-2023)

Cintia Cibele Coelho de Andrade¹
Vitor Hugo Rufino Santos Costa²

RESUMO:

Este artigo é fruto da pesquisa realizada no ano de 2023, em que buscamos: 1) compreender o perfil profissional dos formados pela disciplina de História Indígena, da graduação em História fornecido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte Campus Natal. 2) produzir a história do curso de história. Como metodologia, utilizamos análise dos planos de curso com foco nas rupturas e permanências das ementas, objetivos, conteúdos programáticos e bibliografias (básicas e complementares), além da História Oral para cotejar as fontes. Apoiamo-nos nas ideias de Chimamanda Ngozi Adichie na obra “O Perigo de Uma História Única”; na lei 11.645/2008 e no parecer presente em “Desafios da formação inicial para a docência em História” de Itamar Freitas e Margarida Oliveira.

PALAVRAS-CHAVE: UFRN. Formação de professores. Currículo. História Indígena. História do Ensino de História. Acervo universitário.

UNDERSTANDING THE PROFESSIONAL: an analysis of the indigenous history course at UFRN (2011–2023)

ABSTRACT:

This article is the result of research conducted in 2023, where we: 1) Sought to understand the professional profile of graduates from the Indigenous History course, from the undergraduate course in History provided by the Federal University of Rio Grande do Norte, Natal Campus; 2) Produce a historical account of the History course. Our methodology included an analysis of course syllabi, focusing on the ruptures and continuities in objectives, program content, and bibliographies (both primary and complementary). We also employed Oral History to compare and validate sources. The study draws on the ideas of Chimamanda Ngozi Adichie in her work The Danger of a Single Story, In Law 11.645/2008, and the perspectives found in Challenges of Initial Training for Teaching History by Itamar Freitas and Margarida Oliveira.

¹ Graduanda em História; Universidade Federal do Rio Grande do Norte(UFRN); Grupo de Pesquisa Espaços, Poder e Práticas Sociais (EPPS); <http://lattes.cnpq.br/5054521780757770>; cintia.andrade.088@ufrn.edu.br

² Graduando em História; Universidade Federal do Rio Grande do Norte(UFRN); Grupo de Pesquisa Espaços, Poder e Práticas Sociais (EPPS); <http://lattes.cnpq.br/6690115955947955>; vitor.hugo.rufino.109@ufrn.edu.br

KEYWORDS: UFRN, Teacher Training, Curriculum, Indigenous History, History of History Teaching, University Archives.

Pensar a formação dos profissionais do curso de História é parte essencial para entender o contexto do ensino de história de uma sociedade, entendendo o que se está sendo selecionado para ser ensinado. Assim, aqui nos debruçamos em compreender qual é o tipo de profissional egresso da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e com quais habilidades e competências esse conta para atuar frente a diversidade social e as demandas da pluralização histórica na contemporaneidade. Como consequência dessa pesquisa, também tivemos o objetivo de registrar a história do curso de história da UFRN, pois consideramos que é imprescindível que haja um registro de todas as atividades educacionais consideradas relevantes para que possamos olhar para as experiências do passado refletindo sobre as possibilidades do futuro do ensino de história.

Assim, para essa pesquisa utilizamos como metodologia a análise dos planos de curso da disciplina História Indígena dos cursos presenciais de Licenciatura e Bacharelado em História no campus Natal da UFRN, ofertadas no período entre os anos de 2011 – 2023. Durante as nossas análises nós comparamos as ementas, objetivos, divisão da disciplina, conteúdo programático, assim como a bibliografia utilizada. Ao fazer essas análises, nós buscamos identificar as rupturas e continuidades contidas nos planos. Outra metodologia utilizada foi a História Oral, ao realizarmos uma entrevista com o docente que ministrou por maior tempo, dentro do recorte espaço-temporal, a disciplina de História Indígena. Utilizamos dessa metodologia para cotejar as nossas fontes primárias e para preencher lacunas geradas pelas limitações da análise dos planos de curso, assim como para melhor compreender a perspectiva do docente em relação à disciplina em si.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

A fim de ressaltar a importância dessa investigação nos baseamos nos autores Itamar Freitas e Margarida Oliveira, quando eles colocam em seu texto **Desafios da formação inicial para a docência em história** que “a seleção dos saberes é um grande desafio porque reflete as identidades do profissional de história e, ainda mais preocupante, da disciplina escolar História”(OLIVEIRA & FREITAS, 2013, p.140). Logo, pensar de que forma os docentes ministraram a disciplina, que bibliografias selecionaram como principais e complementares, quais visões acerca dos indígenas são passadas durante o curso, é essencial para compreender que identidade profissional tem se formado. Todos esses elementos podem ser investigados por meio dos planos de curso, a fim de compreender a abordagem do formador de formadores, assim como nos permite vislumbrar que tipo de profissional se forma na instituição.

Outrossim, essa pesquisa também se preocupa em pluralizar as visões do ensino de história, evitando que ela seja uma história única, baseados no que pontua Chimamanda Ngozi Adichie: "O problema com os estereótipos não é que eles sejam falsos, mas que são incompletos. Eles fazem uma história única tornar-se a única história." (ADICHIE, 2009). Com isso, buscamos compreender se há de fato uma pluralização ao tratar da História Indígena: os indígenas são postos como protagonistas da própria história? Estão presentes durante toda a História do que chamamos de Brasil? De tal forma, percebemos que olhar para esses aspectos são basilares para a compreensão do profissional que se forma com essas seletividades percebidas nas disciplinas.

Corroborando com as ideias de Adichie, temos a Lei 11.645/2008 que instituiu a obrigatoriedade das temáticas afro-brasileiras e indígenas nos currículos oficiais da rede básica. Na lei está posto que:

“§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.”(BRASIL, 2008)

A lei não atinge diretamente o ensino superior, porém, por se tratar de uma disciplina ofertada no curso de licenciatura, entendemos que deve haver, como compromisso da Universidade Pública com a sociedade, uma correlação entre o ensino de nível básico e de nível superior.

Por fim, salientamos que essa pesquisa é fruto da iniciação científica, contudo, realizada em um tempo recorde para dar continuidade a um plano de trabalho que não pôde ser continuado pelo bolsista anterior. O plano de trabalho inicial era investigar o perfil profissional do egresso da UFRN, e seu recorte era feito na disciplina de Introdução aos Estudos Históricos entre os anos de 1968 e 1988. Contudo, ao nos depararmos com esse projeto de pesquisa, enfrentamos dificuldade de conseguir acessar as fontes para fazer a análise. Assim, foi preciso modificar o recorte, sem modificar o cerne da pesquisa e efetuamos todos os pontos aqui relatados no período de três meses.

Para a realização dessa pesquisa, a princípio, por se tratar de um plano inconcluso, nós primeiro tentamos compreender o que já se tinha feito e nos deparamos com apenas três planos de curso da disciplina de Introdução aos Estudos Históricos sendo eles de 1963, 1964 e 1967. Após constatarmos escassez de fontes, solicitamos à coordenação do curso de História os planos de curso da disciplina de introdução aos estudos históricos para dar continuidade ao plano a princípio tratado, porém fomos infelizes ao receber a negativa da disponibilidade dos planos. Com isso, modificamos o recorte espacial temporal e solicitamos os planos da disciplina de História Indígena à coordenação do curso e recebemos onze³ planos do período compreendido entre 2011 e 2023, e com eles foi possível dar

³ A quantidade de planos não reflete a quantidade de anos devido a pandemia de covid-19.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

seguimento e cumprir com os objetivos iniciais da pesquisa. Esse problema que tivemos demonstra a não salvaguarda por parte da Universidade dos documentos que registram sua própria história.

Nesse sentido, ressaltamos que só conseguimos as fontes porque elas são nato-digital, e, para esses, há uma maior facilidade da guarda dos documentos, visando que possam ser utilizados em estudos futuros: tanto para compreender que tipo de ensino era possível em uma determinada época ou a própria análise do perfil profissional do egresso. A exemplo disso, temos as dissertações de mestrado de Maria Luiza Dantas Lins - que analisou os cadernos da Professora Ana Afra - e de Matheus Oliveira da Silva - que pesquisou a institucionalização do curso de história.

Esses trabalhos supracitados, assim como esse presente trabalho, só foram possíveis graças à salvaguarda dos documentos. Porém o nosso trabalho se difere dos demais ao investigar questões contemporâneas, o que segundo Itamar Freitas e Margarida Oliveira são raros e no geral feitos por pesquisadores experientes . Segundo eles: “Essa carência de pesquisas sobre a formação inicial em história [...], parece nos induzir [...] à equivocada conclusão de que o ensino universitário é, apenas, uma consequência natural das pesquisas empreendidas no seu interior”(OLIVEIRA & FREITAS, 2013, p.133)

Durante as nossas análises dos planos de curso, constatamos que, dentro do nosso recorte, a disciplina foi ministrada por três professores distintos, sendo eles a Professora Fátima Martins Lopes, no ano/semestre 2011.1; Professor Sebastião Vargas, em 2022.1; e o Professor Lígio Maia, nos demais períodos. Devido ao fato do professor Lígio Maia ser a pessoa que ministrou por mais tempo a disciplina dentro do nosso recorte, decidimos escolhê-lo para ser entrevistado como forma de gerar uma nova fonte sobre a história do curso de história. Precisamos fazer essa escolha em virtude do pouco tempo que dispusemos para realizar a pesquisa.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

A disciplina é oferecida no curso presencial sempre no primeiro semestre, já no segundo semestre é oferecida no curso EAD - porém o curso a distância foge do escopo da presente pesquisa. Ao nos depararmos com essas informações, compreendemos que teríamos, pelo menos, três abordagens e visões distintas acerca do componente curricular.

Considerando os planos de cursos, durante as nossas análises, observamos que houve apenas uma modificação na ementa: no ano 2023, em que foi introduzida a lei 11.645/2008, tornando assim obrigatória a conexão do curso de graduação com o ensino básico, pois a ementa é a única parte imutável do plano em que o docente ministrante é obrigado a cumprir. Entretanto, a introdução da temática do ensino se deu ainda no ano de 2013, em que o professor Lígio Maia insere nos seus planos como competência e habilidade a ser adquirida: “Atuar no ensino de História, entendendo-o não como mera transmissão do conhecimento, mas como construção do conhecimento” (MAIA, 2013, p.2). Consideramos essas introduções significativas, pois a disciplina é oferecida para as turmas de Bacharelado e de Licenciatura, tornando-se obrigatória para a Licenciatura após a reformulação do curso ocorrida em 2019. De acordo com nossa investigação, ao entrevistar o professor Lígio Maia, ele nos fala que já haviam sido feitas algumas tentativas para tornar a disciplina de História Indígena obrigatória anteriormente ao ano de 2019, contudo, a consolidação dessa medida só foi possível devido a pressões realizadas pelo movimento estudantil durante a reforma curricular do curso de licenciatura.

Nesse sentido, observamos que houve uma demora considerável entre a obrigatoriedade dessa temática no ensino básico e a sua obrigatoriedade no ensino superior, pois, por mais que a lei tenha abrangência apenas para o ensino básico, são os cursos de licenciatura que devem preparar os futuros professores para a atuação profissional; logo, espera-se que haja uma vinculação entre os níveis de ensino. A demora em tornar a disciplina obrigatória torna-se evidente ao nos depararmos com a informação de que, antes da reforma de 2019, o curso de licenciatura teve a sua

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

estrutura curricular modificada nos anos de 2009 e 2013. Tal fato reflete em parte uma falta de compromisso do ensino superior com as demandas da sociedade; e, assim, é preciso pensar sobre que tipo de conhecimento e para quem está sendo produzido na universidade.

Para além da ementa, podemos perceber por meio do cronograma do curso uma abordagem distinta entre os três docentes. A Professora Fátima Martins Lopes tem um maior foco no Brasil colonial e imperial, trabalhando de forma cronológica e mais com a visão do colonizador, abordando o que ela chama de “A questão indígena atual”(LOPES, 2011, p. 1) como último tópico da última unidade. Em contraposição, o Professor Sebastião Vargas tem uma abordagem distinta ao trabalhar não só o Brasil, mas toda a América, aumentando o leque da própria disciplina, partindo da chegada dos povos nativos na América e com grande foco nas questões indígenas atuais. Na terceira face do prisma, o Professor Lígio Maia traz a proposta de pensar o que ele chama de “os indígenas e os outros”, assim dando maior protagonismo histórico para os próprios indígenas em que foram e são atuantes por todos os períodos da história do que chamamos de Brasil. Um ponto a se destacar do cronograma do Professor Lígio Maia é a introdução do tópico “Ensino da temática indígena em sala de aula: uma demanda necessária”(MAIA, 2023, p. 1) na 2^a unidade do plano de curso do ano semestres 2023.1

Outro aspecto observado ao decorrer da temporalidade pesquisada é que, com o passar dos anos, a bibliografia trabalhada na disciplina passa a incluir autores indígenas e não tão somente autores indigenistas⁴. Esse fator é de extrema importância pois, com a bibliografia endógena, conseguimos ter contato com pontos de vista dos povos que vivem a realidade histórica estudada. Dessa forma, a visão sobre o indígena muda completamente, pois, agora, ele pode ser visto como um sujeito histórico que segue residindo nos dias atuais e não tão somente no período colonial.

⁴ Aqueles que falam sobre os indígenas.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Para melhor analisar e compreender as rupturas e permanências das bibliografias presentes nos planos de curso, elaboramos quadros comparativos

Figura 1 - Quadro comparativo entre as bibliografias dos professores ministrantes da disciplina de História Indígena no Brasil.

Comparação bibliográfica entre os planos de curso

Comum a Todos	Comum aos Professores Lígio Maia e Sebastião Vargas
CUNHA, Manuela C. da.(org.) História dos índios no Brasil. São Paulo: FAPESP/SMC/ Cia. das Letras, 1992.	ALMEIDA, Regina Celestino de. "O lugar dos índios na história: dos bastidores ao palco". In: ALMEIDA, Regina Celestino de (org.), Os índios na História do Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p. 13-28.
X	BANIWA, Gersem. O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje / Gersem dos Santos Luciano – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: LACED/Museu Nacional, 2006.
X	KOPENAWA, Davi; Albert, Bruce. "Descobrindo os brancos" (cap. 2) e Krenak, Ailton. "O eterno retorno do encontro" (cap. 3). In: NOVAES, Adauto (org.). A outra margem do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 15-21 e 23-31

Fonte: Autoria Própria

Esse quadro nos permite perceber a modificação que a disciplina sofre com o passar dos anos e dos ministrantes, pois há apenas um texto de referência comum aos três docentes. A obra comum a todos versa sobre a resistência indígena, diversidade cultural, questões contemporâneas e reflexões acerca da historiografia e antropologia promovendo uma visão diversificada da História Indígena.

Já as obras comuns aos Professores Lígio Maia e Sebastião Vargas se dividem em 1- bibliografias indígenas: Sendo elas de três autores indígenas de etnias distintas (Baniwa, Krenak e Yanomami). A primeira, escrita por Gersem Baniwa, dialoga diretamente com o texto de Manuela Cunha, porém com o ponto de vista de um indígena o que traz uma profundidade a mais a discussão. A segunda obra indígena

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

dos autores Ailton Krenak e Davi Kopenawa relatam o encontro com os colonizadores, cada um com a sua visão distinta, porém consonantes. 2- Bibliografia indigenista: A autora Regina Celestino de Almeida foi orientadora de Doutorado do Professor Lígio Maia. Na obra ela aborda questões sobre pluralidade histórica e visões acerca da temática indígena demonstrando como os indígenas são protagonistas na história do Brasil, apresentando o conceito de resistência adaptativa e quebrando o mito da aculturação.

Figura 2 - Quadro comparativo entre a bibliografia do professor Lígio Maia na disciplina de História Indígena no Brasil.

Comparação entre a bibliografia nos planos de curso 2012.I e 2023.I	
Repetição bibliografia obrigatória	Era obrigatória e passa a ser suplementar
Dantas, Beatriz G. & Sampaio, J. Augusto & Carvalho, M. Rosário de. "Os povos indígenas no Nordeste brasileiro: um esboço histórico". In: Cunha, Manuela Carneiro da. (org.). <i>História dos índios no Brasil</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 431-456;	Lopes, Fátima Martins. "A legislação pombalina: e somos todos iguais...". In: _____. Em nome da liberdade: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o diretório pombalino no século XVIII. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005, pp. 52-85 (tópicos 2.1 e 2.2);
Fernandes, Florestan. "Antecedentes indígenas: organização social das tribos tupis". In: Holanda, Sérgio Buarque (org.). <i>História geral da civilização brasileira</i> . Rio de Janeiro: Difel, vol. I, 1976, pp. 72-86. [ilustrações, pp. 95, 96];	Perrone-Moisés, Beatriz. "Índios livres e índios escravos: os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI a XVIII)". In: Cunha, Manuela Carneiro da (org.). <i>História dos índios no Brasil</i> . São Paulo: Companhia das Letras/FAPESP, 1992, pp. 115-131;
Monteiro, John M. Unidade, diversidade e a invenção dos índios: entre Gabriel Soares de Sousa e Francisco Adolfo de Varnhagen. <i>Revista de História</i> . São Paulo, 149 (2º), pp. 109-137, 2003 (versão digital);	X

Fonte: Autoria Própria

Além do quadro comparativo entre os três professores, elaboramos também um quadro comparativo entre a primeira e a última vez, dentro do nosso recorte, que o professor Lígio Maia ministrou a disciplina. Maia, em seus planos de curso divide a bibliografia em 3 tipos diferentes sendo elas 1- bibliografia Básica. 2- Temas de seminários. 3- Bibliografia Suplementar. Dentre os temas de seminários pudemos

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

perceber que eles se repetem e que a cada ano são adicionados novos temas com novas bibliografias sugeridas.

Porém há modificações no que o docente entende como obrigatório e suplementar o que nos dá pistas para compreender a modificação da disciplina com o decorrer dos semestres. Dentre as modificações temos duas bibliografias que eram básicas e passam a ser suplementares, ambas as bibliografias são sobre a legislação indígena do período colonial e imperial. Enquanto isso, as repetições da bibliografia básica abordam as questões acerca da diversidade indígena e suas origens.

Figura 3 - Lista de Obras de Autoria Indígena presente nos planos de Curso

Bibliografia indígena

- KOPENAWA, Davi; KRENAK, Ailton. "Descobrindo os brancos" e "O eterno retorno do encontro". In: NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 1999, p. 15-31;
- BANIWA, Gersem. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: MEC/LACED/Museu Nacional, 2006;
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf
- YAMĀ, Yaguaré. *O caçador de histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. "O eterno retorno do encontro". In: NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. *Coleção Encontros*. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Fonte: Autoria Própria

Essa bibliografia endógena está distribuída nos planos dos Professores Lígio Maia e Sebastião Vargas, pois não há autores indígenas na bibliografia utilizada pela Professora Fátima Martins Lopes.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Após a análise dos planos conseguimos inferir uma mudança na perspectiva e abordagem da disciplina ao decorrer dos anos em que ela aumenta o foco na diversidade indígena e em questões contemporâneas.

A importância da disciplina se dá não somente para a formação de professores, mas como afirma o professor Ligio Maia durante a entrevista

“[...]ainda que alguns de vocês nunca vão entrar numa sala de aula, pô, *vocês não ser gente*[...] vocês vão ter *família*, [...], vocês vão continuar vivendo a vida de vocês, então se a gente conseguir de alguma forma é não deixar que esses conceitos estereótipos continuem, eu acho que é bacana. eu, eu, eu sou muito cioso, digamos da extensão da responsabilidade dessa disciplina, sabe. já falei isso várias vezes e... porque assim, é, no fundo, no fundo eu não quero que vocês sejam especialistas em história indígena, não é ,essa não é a ideia[...] enfim,mas que pelo menos vocês tenham um verniz do que é que significa essa discussão, né. acho que é isso.”(MAIA, 2023, 29:31) .

Dessa forma, a necessidade de ter uma abordagem diversificada e endógena sobre os indígenas recai sobre o que afirma Adichie quando ela coloca que : "As histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e para malignar, mas histórias também podem ser usadas para capacitar e humanizar."(ADICHIE , 2009)

Ao concluirmos nossa pesquisa, pudemos elencar alguns pontos que demandam importância. A princípio, o grande atraso na vinculação do curso de Licenciatura em História da UFRN com o ensino básico no tocante à história indígena, demonstra como é preciso refletir sobre que tipo de conhecimento nós estamos produzindo na academia e que tipo de profissional está sendo formado por ela. Além disso, repensar a estrutura da disciplina a cada vez que ela é ofertada, com atualizações de bibliografia e introdução e substituição de tópicos perante as mudanças ocorridas em sociedade, é um exercício que não deve ser desvinculado da prática docente, e , principalmente dos profissionais de história, uma vez que é uma ciência viva. Assim, retomamos a importância da pluralização da história, nesse caso, ao enxergar os indígenas como seres múltiplos e que ocupam diversas temporalidades.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Outro ponto a ser destacado, que torna-se nítido após a análise bibliográfica e da entrevista realizada, é a mudança de abordagem da disciplina em si, no início do nosso recorte temporal há uma maior preocupação com a agência do Estado perante os indígenas, já ao fim há uma maior preocupação em abordar a diversidade indígena, as questões contemporâneas como a disputa por terra, a emergência étnica, assim como nas contribuições indígenas para a sociedade brasileira, fazendo com que a história não seja abordada de forma única e estereotipada.

Por fim, pontuamos aqui a potencialidade das fontes que abarcam o ensino de história, pois, através dos planos de curso pudemos inferir as discussões que foram feitas no recorte espaço temporal em sala de aula, assim como analisar as bibliografias permitiram compreender por qual viés se formavam os profissionais em determinada época. Por isso destacamos a importância de salvaguardar tais documentos, pois sem eles limita-se os estudos sobre o ensino de história e sobre a história do ensino de história.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Regina Celestino de. “O lugar dos índios na história: dos bastidores ao palco”. In: _____. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p. 13-28.

BANIWA, Gersem. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje / Gersem dos Santos Luciano – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 21 nov. 2024

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

CUNHA, Manuela C. da.(org) **História dos Índios no Brasil.** São Paulo: FAPESP/SMC/ Cia. das Letras, 1992.

Dantas, Beatriz G. & Sampaio, J. Augusto & Carvalho, M. Rosário de. “Os povos indígenas no Nordeste brasileiro: um esboço histórico”. In: Cunha, Manuela Carneiro da. (org). **História dos índios no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 431-456;

Fernandes, Florestan. “Antecedentes indígenas: organização social das tribos tupis”. In: Holanda, Sérgio Buarque (org.). **História geral da civilização brasileira.** Rio de Janeiro: Difel, vol. I, 1976, pp. 72-86. [ilustrações, pp. 95, 96];

KOPENAWA, Davi; Albert, Bruce. “Descobrindo os brancos” (cap. 2) e Krenak, Ailton. “O eterno retorno do encontro” (cap. 3). In: NOVAES, Adauto (org.). **A outra margem do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 15-21 e 23-31

Lígio José de Oliveira Maia, entrevista concedida a: Adalberto Bruno; Alicia Meneghetti; Cintia de Andrade; Everson Gomes; Vitor Rufino, no dia 27/06/2023 em Google Meet.

LINS, Maria Luiza Dantas. **Aprender para ensinar, conhecer para descobrir:** os ensinos de História nos cadernos de planejamento de uma professora Ana Afra em Natal (1991-1992). Orientadora: D+ra. Margarida Maria Dias de Oliveira. 2023. 123f. Dissertação (Mestrado em História), Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

Lopes, Fátima Martins. “A legislação pombalina: e somos todos iguais...”. In: _____ . **Em nome da liberdade: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o diretório pombalino no século XVIII.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005, pp. 52-85 (tópicos 2.1 e 2.2);

LOPES, Fátima Martins. **História Indígena.** Plano de curso da disciplina, semestre: 2011.1. UFRN, 2011.

MAIA, Lígio José de Oliveira. História Indígena. Plano de Curso da disciplina, semestre: 2012.1. UFRN, 2012

_____. História Indígena. Plano de Curso da disciplina, semestre: 2013.1. UFRN, 2013

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

_____. História Indígena. Plano de Curso da disciplina, semestre 2014.1. UFRN, 2014

_____. História Indígena. Plano de Curso da disciplina, semestre 2015.1. UFRN, 2015

_____. História Indígena. Plano de Curso da disciplina, semestre 2016.1. UFRN, 2016

_____. História Indígena. Plano de Curso da disciplina, semestre 2017.2. UFRN, 2017

_____. História Indígena. Plano de Curso da disciplina, semestre: 2021.1. UFRN, 2021

_____. História Indígena. Plano de Curso da disciplina, semestre: 2023.1. UFRN, 2023

Monteiro, John M. Unidade, diversidade e a invenção dos índios: entre Gabriel Soares de Sousa e Francisco Adolfo de Varnhagen. **Revista de História**. São Paulo, 149 (2º), pp. 109-137, 2003 (versão digital);

OLIVEIRA, M. M. D.; FREITAS, I. Desafios da formação inicial para a docência em História. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 131–147, 2013. DOI: 10.20949/rhhj.v2i3.75. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/75>. Acesso em: 16 out. 2024.

Perrone-Moisés, Beatriz. “Índios livres e índios escravos: os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI a XVIII)”. In: Cunha, Manuela Carneiro da (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras/FAPESP, 1992, pp. 115-131;

SILVA, Matheus Oliveira da. **Saberes da disciplina, saberes da profissionalização:** uma leitura sobre a institucionalização da História por meio de Introdução ao Estudo da História na Faculdade de Filosofia de Natal (1963-1968). Orientador: Margarida Maria Dias de Oliveira. 2023. 167f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

TED, Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história. Youtube, 07 de outubro de 2009. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>> Acesso em 11 de agosto de 2023.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

VARGAS, Sebastião. História Indígena. Plano de Curso da disciplina, semestre: 2022.1. UFRN, 2022

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade